





Este estudo se baseou na história de vida de um adolescente. Nascido em 09 de agosto de 1985, poeta, procedente do município de Itabuna, cumpriu medida sócio-educativa na Casa de Atendimento Sócio-Educativo (CASE) – Salvador, da Fundação da Criança e do Adolescente (FUNDAC) durante o período de 10 de abril de 2003 até 01 de outubro de 2003. Foi transferido para uma unidade CASE, onde permaneceu até a liberação do juiz ocorrida no dia 23 de março de 2006. O jovem cometeu suicídio no dia 24 de setembro de 2006, com a idade de 21 anos, quando ainda era acompanhado pelo programa de egressos dessa instituição. Durante esse período, a primeira autora atuava como psicóloga na Coordenação de Apoio à Família e ao Egresso (CAFE) da FUNDAC, onde teve contato direto com o jovem em um grupo coordenado pela mesma.

A medida sócio-educativa cumprida pelo jovem correspondeu aproximadamente ao tempo máximo de três anos permitido pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), art. 121, parágrafo 3º, dado a gravidade do ato cometido. Segundo informações do prontuário do jovem na CASE – Simões Filho, este se referiu a um homicídio cometido por engano quando o adolescente, incumbido, por encomenda, de matar um sujeito, equivocou-se e provocou a morte de um desconhecido que passava pelo local onde o jovem se colocava de sentinela. Cabe aqui ressaltar que, apesar de ter tido apenas uma entrada na FUNDAC, o adolescente mantinha uma vida infracional prévia e expressa pelo mesmo, no município de Itabuna.

O objetivo desse trabalho foi compreender a trajetória desse jovem tendo como *corpus* de pesquisa suas produções artísticas, basicamente poesias. O foco, no entanto, é colocado sobre os poemas escritos no período da internação durante o qual foram reunidos e publicados, sob forma de livro, com o apoio da FUNDAC.

Trata-se de um estudo qualitativo de tipo etnográfico, consistindo em entrevistas livres com pessoas que com ele tiveram contato, inclusive a rememoração de seus contatos com a primeira autora, e um trabalho de campo, registrado em diário, realizado por meio de visitas aos locais freqüentados pelo jovem – CASE, moradia da mãe e moradia do jovem -, aliado à análise dos aspectos presentes nos poemas. Uma ênfase maior foi dada à produção poética tendo em vista que esta representava a única via de acesso direta à subjetividade do jovem, dada à interrupção trágica de sua trajetória através do suicídio.

Por outro lado, as autoras colocaram-se igualmente como objeto de estudo, na medida em que elas próprias cumpriram uma trajetória em relação e direção a este jovem. Nesse caso, foram igualmente levadas em conta as ressonâncias posteriores dessa relação através do envolvimento das pesquisadoras com o trabalho ora apresentado.

O primeiro contato da primeira autora com a poesia de Carlos Alberto ocorreu quando o jovem, no encerramento de uma atividade organizada por ela (Grupo Inicial), manifestou o desejo de declamar para os presentes alguns de seus versos. Consciente do poder terapêutico dessa escuta, foi solicitado ao egresso uma breve pausa a fim de chamar à sala sua assistente social, talvez no intuito de tornar a audiência um tanto mais solene.

Apesar de sua aparente timidez, o jovem mostrou-se autoconfiante quando, retirando do bolso um papel e certificando-se do silêncio e atenção dos poucos presentes, declamou o que hoje soa como um enigmático poema. Semblante grave. Absoluta seriedade.

No mesmo tom grave e sério estava a primeira autora mais uma vez obrigada a disfarçar sua perplexidade. A poesia, para sua surpresa, fez com que se deparasse com aquilo que até então mais temia. Não pode evitar ser conduzida por uma tensa viagem. E, assim, foi lançada com ele no interior de sua "cena" poética, onde logo se viu, ao seu lado, velando o corpo moribundo de uma mulher. Ali estava o jovem, contemplando aturdido aquele ser ressuscitado em sua memória, como que a despedir-se da própria vida. Mas "ali" seu olhar nada via senão a imagem plasmada de um "assassino". E, naquele momento, nada compreendeu.

Hoje, após uma árdua jornada de aproximação empática com o jovem poeta, resta a nítida sensação de que ele realizou ali não mais que a leitura de sua "auto-sentença". E a força simbólica desse ato encontra, agora, o seu pleno significado.

Tal é afirmado após termos enfim mergulhado na poesia desse jovem onde o amor exala de cada página escrita, e onde a amada sempre ressurgue como a encarnação de uma frágil e vacilante esperança. Por isso não é isenta de uma surpresa comovida que nos



deparamos com a trágica morte da mulher amada. Pois se trata claramente da morte simbólica e anunciada do próprio jovem, talvez o arauto sincero da morte (real)izada.

Hoje, encontro-me perdido entre a multidão  
Sinto-me só.  
Estou preso no império da solidão.  
Um suspiro!  
Perdi a minha calma!  
Desespero-me e vejo-me num abismo letal.  
Procuo meu amor por toda a parte,  
Mas não o encontro. (Neves, 2006, p. 14)

Vim para pagar meus débitos com o destino,  
E o futuro se faz meu inimigo íntimo (poema não publicado, de 22/05/2006).

### **Esperança e desesperança**

Segundo Pais (2006), a transgressão pode ser entendida como uma vontade de não se conformar e resistir rebeldemente à adversidade. Nesse contexto, correr riscos torna-se uma espécie de efeito desse desejo. Segundo esse autor, "enquanto as gerações mais velhas orientam a sua vida por caminhos e valores de segurança e rotina, os jovens escolhem, muitas vezes, as rotas da ruptura, do desvio" (p. 11). Assim, as rotas transgressivas do adolescente podem ser compreendidas sob a ótica do "experimentar", experimentar-se a si mesmo num constante ir e vir entre as diversas possibilidades de ser e de existir no mundo.

No entanto, a transgressão pode encontrar repercussões extremamente graves quando são levadas em conta as condições precárias e os constantes maus-tratos ocorridos nas instituições onde esse tipo de medida é aplicado no Brasil (ANCED, 2004; Assis, 1999; Oliveira e Assis, 1999; Silva, 1999, 2003).

Nesse sentido, não há testemunho melhor do que aquele propiciado pelo jovem de nossa pesquisa, o qual revela de maneira angustiante toda a sua impotência diante do sistema disciplinar que o envolveu durante os anos em que cumpriu sua sentença:

Não tem Deus nem milagre

Quatro paredes, um cadeado e uma grade.  
Como se não bastasse vejo policiais por toda parte.  
Eles me lembram cães Rotvalley.  
Observam minha reação.  
Que vida louca essa de ladrão!  
Fechado em uma cela de 5 m<sup>2</sup>  
Espremido e sufocado numa cela com superlotação.  
Não adianta gritar  
Ninguém pode ouvir.  
Não adianta chorar  
Ninguém poderá consolar.  
Cela cheia,  
Eu e mais quarenta.  
Só mesmo Deus  
É que pode ter pena.  
Mas aqui não tem Deus nem milagre  
Só mais uma mãe chorando pelo seu filho  
Que está atrás de cadeados e grades.  
Quatro paredes, um cadeado e uma grade.  
Almoço atrasado.  
Já são quatro da tarde.



A fome aperta.  
O calor aumenta.  
Sofrimento total.  
Eu, jogado em uma cela feito um louco animal.  
Cela cheia,  
Eu e mais quarenta.  
É fato real.  
Não é cena de cinema.  
A vida de ladrão, não vale a pena! (Neves, 2006, p. 44)

Nesse poema, fica evidente a sensação de desamparo social do adolescente, que aprendeu que a sociedade é alheia aos seus apelos e mais potente que o próprio Deus. Aliás, é notável que, sob sua ótica, Deus e a mãe são os únicos seres a se compadecerem de sua condição indigna, embora não possam lhe trazer alento sobre ela. Em seguida, apresenta-nos a fina consciência de que se encontra reduzido à condição de animal. Reduzido por quem, caberia indagar? O que por sua vez conduz ao questionamento sobre o significado do conceito de violência, pois, como redefine Rey (2006, p. 160), "ato de violência" pode também ser considerado a indiferença de uma classe social em relação às outras. Indiferença naturalizada no seio da própria sociedade, que tanto se des/responsabiliza quanto aceita sem questionamentos deparar-se, cotidianamente, com uma condição "não-humana em outro ser humano". Daí ser lamentavelmente perspicaz a percepção de nosso jovem, que se vê "*jogado em uma cela feito um louco animal*" (Neves, 2006, p. 44).

Assim, só lhe resta denunciar o mal-estar sofrido e a inadequação da medida sócio-educativa (superlotação, atraso da comida, privacidade cerceada pela vigilância constante, calor e espaço vital restringido): "*Você não sabe o que é estar preso./ Na prisão, tiram-no tudo e te deixam sem nada./ Com o tempo, tiram o nada que ficou.*" (p. 13). Ou mesmo "*A liberdade vai chegar./ Mas para sempre estará marcado/ Por esse 'presídio' que lhe tirou a dignidade./ E, mesmo estando livre/ Se sentirá atrás das grades.*" (p. 45).

A imprensa, por sua vez, reforça o antagonismo que se interpõe entre a sociedade e o adolescente em conflito com a lei, como um muro de intolerância e medo injustificado (Silva, 1999; Njaine e Minayo, 2002; Rey, 2006; Oliveira e Assis, 1999). E, mais uma vez, os versos do poeta:

#### Menino do Mundo

Lá vem descendo a ladeira,  
O menino do mundo que de tudo se queixa.  
Menino triste, nunca se encontra  
Vive vagando pelo mundo sem eira nem beira.

Derramo-me em lágrimas  
Quando vejo o pobre menino do mundo descendo a ladeira.  
Menino de rua,  
Maltrapilho, marginal... trombadinha  
Assim o tratam quando pede esmola, prato de comida  
Porque está passando mal.

Menino do mundo!  
De um mundo cruel.  
Mais uma inocente criança na estrada do nada  
Que não provará o doce do mel  
Só o cruel e amargo gosto do fel!

Isso é fato, não é sonho



É história real.  
Menino do mundo!  
Futuro marginal... (Neves, 2006, p. 30)

Ao ler os poemas de Carlos Alberto é possível perceber um movimento de oscilação constante entre esperança e desesperança, entre uma vontade entusiasta de viver, e um cansaço desalentado que revela um jovem prestes a abandonar o desejo de lutar pela vida e existir. Isso fica especialmente claro quando se analisam poemas de conteúdo contrastante produzidos em momentos distintos, bem como os relatos dos técnicos da FUNDAC.

A esperança se revelou paradoxalmente mais expressiva nos momentos em que o jovem esteve privado de liberdade. Nesse período iniciou um movimento de produção poética que derivou no lançamento do livro "Um Novo Horizonte", obra cujo título, por si só, testifica a presença de uma esperança. Nesse momento fértil de encontro com a arte, a liberdade passou a ser vista como uma promessa de felicidade futura, e um ideal de cessação do sofrimento que experimentava:

#### Cidade da Felicidade

Essas lembranças que se amontoam na memória  
Trazem saudades daqueles tempos que não voltam.

Ainda é madrugada

Todos dormem enquanto a insônia me incomoda.

**Pra sonhar é preciso dormir,  
Pra ser feliz, preciso sair daqui...**

Para onde vou?

Não tenho para onde ir.

Vou seguir na estrada da esperança.

Irei em busca da cidade da felicidade.

Alimentarei de paciência.

Minha riqueza é o amor.

Meu destino?

Casa do reconhecimento,

Rua da realização,

Cidade da felicidade.

Por enquanto fico aqui mesmo

Com minhas lembranças, inquietações e medos.

**Ainda não dormi**

**Ainda não saí daqui...** (Neves, 2006, p. 57, grifo nosso)

No entanto, essa esperança, apesar de existir com evidência incontestável no período citado, já aí se apresentava vacilante. Desse modo, não se pode deixar ao largo dessa análise o comentário realizado pela psiquiatra que o acompanhou na instituição, cujo olhar sobre o jovem permitiu as seguintes descrições de sua personalidade:

Sua personalidade apresenta traços depressivos, humor oscilante, mostrando-se também por vezes ser uma pessoa descrente e de visão negativa, embora possua, em muitos momentos, uma abordagem romântica relativa à vida, onde é capaz de expor alguns sentimentos através da comunicação escrita.

Essa descrição é ratificada por outras no prontuário do jovem, e já nos primeiros momentos do cumprimento da medida sócio-educativa os dados apontam para um período de angústia. O início da internação em Salvador data de 11 de Abril de 2003, e no registro do atendimento psicológico realizado em 9 de Dezembro do mesmo ano constam as seguintes informações:



Educando bastante deprimido e descrente de qualquer possibilidade de mudança de vida. Relata ter sua cabeça a prêmio no mundão, acha que não tem como se livrar disso. Refere insônia. Fica pensando, oscila entre sentimentos de culpa, raiva, mágoa. Diz que já perdeu todas as pessoas que amava na vida. Parece realmente atravessar uma crise existencial (...)

Ao longo do percurso, segundo os dados do prontuário, parece haver uma mudança do jovem no sentido de elaborar um projeto de vida mais consistente, e resgatar a crença no futuro. Nesse sentido, é mais uma vez a psicóloga que registra, em Agosto de 2005: "Encontra-se num momento de crescimento interior e é muito presente a sua preocupação e reflexão diante das perspectivas de vida futura".

A liberação do jovem da CASE e o alcance da tão sonhada liberdade inauguraram um período de grande ansiedade e entusiasmo, que logo foram abrandados diante do confronto com a nova realidade, claramente diversa daquela idealizada no período de reclusão. Esse fato é relatado pela assistente social que acompanhou o jovem na Coordenação de Apoio à Família e ao Egresso da FUNDAC, e pelo professor de educação física da CASE:

(...) Eu acho que criaram (...) sonhos, eu acho que acima do limite que o Projeto de Egresso poderia dispor para o jovem, né. Ele, ele sonhou, ele saiu de lá da unidade achando que ele poderia viver como um poeta. (Entrevista realizada com assistente social da CAFE).

(...) ele cresceu, e se chocou lá fora sem família, quando ele chegou que ele ficou num quartinho só. Eu acho que como ele teve aqui muita... É o que acontece com os adolescentes daqui, né. Tem muito apoio, até em excesso, tanto do professor como do instrutor, da psicóloga, da assistente social, né. As pessoas dão muito afeto e atenção, e quando ele sai, ele se choca é com a solidão (Entrevista realizada com professor de educação física da CASE).

Nesse sentido, não é difícil perceber o processo de declínio que o jovem atravessou após sua liberação da unidade da FUNDAC onde cumpriu medida sócio-educativa. Um fato curioso que serve para ilustrar esse processo é a alcunha com que Carlos Alberto batizou a segunda rua onde residiu, após não adaptação à primeira morada. Desse modo, por um documento registrado em cartório, Carlos Alberto ironicamente declarou ao tabelião que residia à "Rua do Desengano", número 31, quando a assistente social da CAFE, após visita ao local, registrou no prontuário o verdadeiro endereço: "Travessa da Boa Esperança", número 31. Isso ocorreu em 31 de Julho de 2006, e seu falecimento datou de 24 de Setembro do mesmo ano. Assim, é possível constatar um processo de declínio que foi vivenciado como desilusão, desengano e desesperança, e que culminou com sua morte trágica prenunciada nos seguintes versos, escritos dois dias antes do suicídio:

A rútila face adormecida pelo tempo,  
é resultante do desprazer de flores que já não mais  
florescem.  
A força gregária já não mais existe.  
Ficou somente um vazio, somente o eco ecoando  
no espaço sem nexos.  
O paradoxo se refaz novamente,  
Já não há mais paz para mente.  
E o turbulento desânimo mais uma vez invade,  
me transforma e me deixa como um covarde.  
Tão sorradeira a depressão...  
A tristeza veio aqui me visitar, trouxe uns



Amigos que não tive prazer em rever.  
A tristeza falou demais, me abalou, me deprimiu, me  
chateou.  
Estou vagando sem rumo nem intuito,  
Sem lágrimas nem soluços.  
Apenas mais um ser vazio, tomado pelo pessimismo.  
Talvez, uma marionete querendo ter vida própria.  
E minha face agora louca é lavada pela chuva,  
perdi o prazer de buscar no sossego da vida a alegria  
ilusória.  
(poema não publicado, sem título, escrito em 22 de  
Setembro de 2006).

A partir dessa leitura é possível compreender o movimento de Carlos Alberto como uma alternância entre um assumir seu projeto de vida e, por outro lado, recusar-se a ele veementemente, o que pode ser metaforizado como o próprio "cansaço" diante da existência, visto sob uma ótica levinasiana. Para Lévinas (1947/1998, p. 37), "Cansar-se, é cansar-se de ser", e o sujeito humano pode simplesmente abdicar do fato de existir despreendendo-se de seu próprio ser, mesmo contra toda persistência e inevitabilidade da existência. Nesse sentido, o cansaço nada mais é que a recusa do existente humano à sua própria existência.

Trazendo o tema do "cansaço", Lévinas (1947/1998) torna possível compreender movimentos como os realizados por Carlos Alberto, cujo suicídio pode ser entendido aqui como o ato de levar às últimas conseqüências essa possibilidade de fuga ao ser, essa possibilidade do ser humano de negar-se ao seu projeto de vida e simplesmente sair fora do tempo e se evadir.

Assim, após o alcance da liberdade, solidão e descrença passam a ser a tônica da vida do jovem Carlos Alberto, que apenas por um curto período pôde ser o sonhador romântico e inebriado com a generosidade que a vida parecia lhe proporcionar. Mas a solidão, no entanto, era referida como sua única e velha companheira. O peso da ausência de vínculos significativos passou a ser sentido tão logo regressou à vida em sociedade, o que o fizera buscar apoio nas pessoas mais próximas com quem havia desenvolvido um vínculo afetivo: alguns técnicos da FUNDAC. A recusa à manutenção desse laço, no entanto, fica patente na fala desses técnicos, sob a justificativa do necessário distanciamento profissional:

(...) eu citei esse exemplo porque Carlos Alberto (...) também pediu para lá fora eu arrumar time para ele treinar e tal, tal, tal, e eu terminei... eu não posso fazer isso, né? Inclusive: "quando é que eu vou na sua casa?", num sei o quê... Mas eu não misturo minha família com o trabalho. (...) eu (...) sou do interior, tenho minha filha, tenho esposa. Por mais que eu queira ajudar, mas eu não posso ajudar muito. Então eu também sou franco com ele, eu disse, "rapaz!".... (...) claro que eu acho que ele deve dizer assim, "esse cara não confia em mim". Pode até pensar nisso. Mas eu realmente não confio (...). (Entrevista realizada com professor de Educação Física da CASE).

(...) E o momento (...) que ele me chamou para tomar um café, na primeira visita, eu fui acompanhada de uma colega, né? Justamente para (...) manter (...) o grau de entender a questão profissional. (...). (Entrevista realizada com Assistente Social da Coordenação de Apoio à Família e ao Egresso).



Esse caminho conduz inevitavelmente ao tema da solidão na poesia de Carlos Alberto, a grande solidão que, assim como o amor, e talvez como seu contraponto, emerge como uma cadência que se pode ouvir ao fundo de quase todos os poemas. Solidão que é falada, amada e odiada como uma entidade poderosa que se afirma como presença incessante na vida do jovem.

Trata-se não apenas de uma solidão que, metaforicamente, pode ser definida como o terreno fértil de onde brotam os versos e cultiva-se a poesia, mas também como o terror que assombra o jovem na medida em que se configura como deserção do outro, subtração do outro contra sua própria vontade. Fato que o aniquila numa saudade plangente.

Seguindo essa linha, a pobreza de vínculos e suas trágicas conseqüências na vida do jovem tornam possível pensar em uma "perda do tempo". A relação do homem com o tempo está ligada ao significado qualitativo de suas experiências. A temporalidade científica, fática, não diz nada a respeito de como o ser humano vivencia o tempo subjetivamente. Pode-se compreender que o tempo advém para o sujeito com tudo o que ele comporta de significação, enquanto tudo o que não é significativo cai no vazio anônimo do esquecimento. Em Carlos Alberto, é possível interpretar, a partir de seus versos, uma espécie de "saída do tempo", correspondendo à perda do sentido vivenciada através da perda do outro: "*Regressei em meu passado, fui fundo, / Bem adentro de mim. // Lá, vi que perdi todos que amei, / Ou simplesmente perdi-me deles no **abstrato do tempo**, / Ou nas estradas ilícitas do destino*" (2006, p. 93, grifo nosso).

Em outros trechos de poemas não publicados escritos pelo jovem após sua liberação judicial, fica patente essa ferida nevrálgica que a ausência do outro abriu em sua vida:

Embora eu acredite tanto no amor,  
Ainda não me senti amado sequer uma vez.  
Eu entendo o amor, eu falo do amor, eu amo,  
escrevo sobre o amor...  
Só que às vezes acho que ninguém nunca corresponderá o meu amor.  
(...)  
Todos que até hoje amei, de uma forma ou de outra  
se afastaram. (Poema "Insistência", de 03/11/2005).

Na escuridão desse quarto, tranco-me na solidão em mim (...)  
Aqui sinto meus dias contados, definho momento à momento  
nessa agonia desesperadora chamada solidão. (Onde estais,  
17/11/2005)

(...) trago comigo, a dor antiga de um coração sofredor.  
Deus que estais no céu, olhai por mim, meu Senhor.  
Meu dia se termina antes que a noite caia completamente, meu  
pobre corpo não aparenta, mas é um sepulcro de mortes (...).  
(Anjo da noite, 19/09/2005).

Eis aqui um poeta sem nexos nem alento,  
sem choro nem lenço, de olhar lânguido e sereno...  
Poeta de coração corroído por amores não vividos (...) (Indecisão  
de um poeta, 18/09/2005).

### A questão ética

Quais as implicações da ética para esse trabalho? É possível dizer que ela representa a própria transfiguração do olhar sobre o sujeito dessa pesquisa e, conseqüentemente, sobre os muitos sujeitos cujas "odisséias" tangenciam em diversos pontos a vida de Carlos Alberto. Assim, adolescência, vida infracional, vulnerabilidade social, institucionalização e privação de liberdade são apenas alguns dos exemplos que figuram



como uma aproximação entre esses sujeitos. No entanto, o que interessa aqui é a compreensão de que, além de todos esses aspectos, esses jovens têm em comum, sobretudo e paradoxalmente, sua unicidade e singularidade.

A ética ganhou – com o pensamento de Emmanuel Lévinas (1991/2004) sobre a questão da subjetividade – sua dimensão norteadora a partir do momento em que confrontou aquelas que buscam um saber (as autoras) com os limites de sua compreensão no que diz respeito ao sujeito dessa pesquisa. Limites estes que não autorizam e nem endossam de modo algum um distanciamento defensivo da realidade, ou mesmo a negação a alguns sujeitos de sua própria condição de sujeitos.

Um dos grandes legados do estudo de Lévinas (1991/2004) é a abertura para a possibilidade de rever a tendência do pensamento ocidental em reduzir o universo do desconhecido a formas inteligíveis de compreensão. Assim, a obsessão pela racionalidade termina por amputar elementos importantes da realidade observada com o único propósito de adequá-la às medidas pré-existentes da razão instrumental. Desse modo, tudo o que não pode ser compreendido e analisado, ou seja, tudo o que excede a capacidade do homem de ordenação e manipulação racional, termina por ser sumariamente rejeitado e mesmo despojado de existência legítima.

O adolescente autor de ato infracional tem sido vítima da tendência historicamente reiterada de despir os sujeitos de suas características peculiares e reduzi-los a uma massa anônima. Aqui, essa massa anônima passa a ser tão somente o “adolescente em conflito com a lei”, mero depositário dos estigmas que são impressos sobre seu rosto como em um personagem sem face.

Não é à toa que desse contexto surge um Carlos Alberto pronto para dialogar com esses discursos estigmatizantes e se mostrar enquanto sujeito único, dono de uma história singular, que se caracteriza pela luta contra as angústias e agruras de uma existência sofrida e desalentada.

Essa reflexão, por sua vez, remete ao pensamento de Lévinas (1947/1998) e seu enunciado sobre o “rosto”. Na filosofia levinasiana, o rosto pode ser definido como a aparição do Outro em sua nudez, em franca resistência à aniquilação de sua condição sujeito; algo que resiste na medida em que simplesmente aparece e se revela. Ou seja, o rosto é o que excede o poder do eu de compreender o outro através da razão, ao mesmo tempo em que representa o lugar original daquilo cujo sentido emerge no ato do encontro. Desse modo, pensando sobre a metáfora acima formulada do “personagem sem face”, Lévinas (1947/1998) postula que a partir dessa aparição luminosa o sujeito resiste e não se conforma com as máscaras que a sociedade imprime sobre a face sob a forma de rótulos: “A proximidade do outro é a significância do rosto. Este significa, de imediato, para além das formas plásticas que não cessam de recobri-lo como máscara de sua presença na percepção. Sem cessar, ele rompe essas formas” (Lévinas, 1991/2004, p. 193).

E aqui é bastante ilustrativo o poema de Carlos Alberto (não publicado) intitulado “Maquilagem Espelhada”:

Esse rosto que se reflete no espelho não é o meu....  
Esse ar de felicidade e de certeza não é meu...  
Tudo não passa de uma maquilagem mal feita  
Pelo tempo e o presente que se esconde em meus olhos.  
Minha vida é um baralho de cartas marcadas,  
Nem sei se sou mesmo Carlos Alberto,  
Não sou proprietário de nada, nem mesmo  
De meu próprio coração  
Então, quem sou?  
Certamente não é esse cara aí do espelho,  
Que por babaquice ou presunção, diz que  
É feliz sem ser.  
Cabe então à você achar quem devo ser,  
Talvez me queira Diderot, Freud, Hitler, Busch,



Picasso, Portinari, Rousseau...  
Só não me queira sendo o cara do espelho,  
Esse que se reflete no espelho é um fingidor,  
faça de mim qualquer um,  
só não faça de mim quem não sou.

Nesse sentido, a partir do momento em que logra êxito nessa empreitada e finalmente se mostra em sua poesia, é o seu rosto, em sua translucidez comovente, que emerge e se imprime sob o olhar perplexo de seu interlocutor. E é a partir dessa aparição miraculosa que se torna doravante impossível negar a Carlos Alberto sua existência enquanto Outro, em sua radical estranheza e diferença. Isso fica claro através do impacto do lançamento de seu livro "Um Novo Horizonte" sobre os funcionários da instituição na qual o jovem cumpriu medida sócio-educativa:

Ah, todo mundo olhou com muito orgulho aqui. Foi um rebuliço danado. Os adolescentes, todo mundo começou a valorizar muito ele. Os funcionários também. Muitos diziam, "tá vendo aí, ó! Aí, Carlos escreveu um livro!". Foi... eu acho que foi um momento bom, até da minha vida aqui na FUNDAC. (...) quando Carlos escreveu o livro eu senti que todo mundo começou a acreditar mais nos meninos. Foi um evento bom. Eu não saí da FUNDAC por isso! (Entrevista com professor de educação física na FUNDAC)

Portanto, duas posições antagônicas são possíveis diante do outro: uma representando a negação do outro, e a outra a emergência da posição ética propriamente dita, o lugar da experiência ética no relacionamento.

Assim, por um lado há o "ser", que constantemente se esforça para ser e conservar-se através da atitude que Lévinas (1991/2004) denomina como atitude de "interessamento" – a luta dos egoísmos engendrada na luta pela vida e na afirmação de si diante de qualquer ameaça. Por outro lado, há a possibilidade da experiência ética, que o autor descreve como "(...) o cuidado reservado ao ser do outro-que-si-mesmo, a não-indiferença para com a morte de outrem (...), o des-inter-essamento rompendo a obstinação em ser, abrindo a ordem do humano" (p. 269). Para Lévinas (1991/2004), é o encontro com o rosto do outro que permite a inversão da seta comumente apontada para o ego na relação com os demais. Ou seja, é a partir do momento do encontro, da face com outra face, que emerge o verdadeiro sentido do eu ético não mais aferrado aos imperativos do "cada um por si", do "em si" e "para si". Isso implica em dar prioridade ao "para o outro" no relacionamento face a face, em assumir a responsabilidade pelo outro homem, que exige necessariamente uma resposta para o seu aparecimento.

Ademais, é preciso ressaltar a condição de extrema vulnerabilidade do outro que se posta diante do eu. Pois ao mesmo tempo em que o outro goza de ostensivo poder sobre o eu (com sua exigibilidade de resposta), é também aquele cuja nudez expõe a uma condição frágil e vulnerável. Pois o outro, que finalmente aparece e se mostra nu, guarda sempre a esperança de um olhar que o confirme em sua humanidade, miserável porque nua, tornando-o muitas vezes suplicante ou, como coloca Lévinas (1947/1998), sob condição de "mendicidade". Nesse ponto, é Carlos Alberto quem o demonstra em versos, como no seguinte trecho:

Cuida de mim!  
Ensina-me a viver intensamente,  
Ensina-me a amar!  
Por muito tempo fui um homem carente.  
Na verdade, sou mais um sobrevivente.  
Ensina-me a viver! (Neves, 2006, p. 38)



Ou ainda quando apela, de maneira mais direta, ao próprio olhar: “*Vem! Vem para mim. / Olha-me ao menos uma vez*” (Neves, 2006, p. 77). São falas que mostram de maneira inequívoca a condição de fragilidade a que se expõe o ser humano quando se vê, sob nudez e à descoberto, sob o crivo do olhar alheio. O que Lévinas (1991/2004) enuncia de maneira igualmente poética e tocante:

Para além do “em-si” e do “para-si” do desvelado, eis a nudez humana, mais exterior que o fora do mundo – das paisagens, coisas e instituições – a nudez que brada sua estranheza ao mundo, sua solidão, a morte dissimulada no seu ser – ela brada, no aparecer, a vergonha de sua miséria escondida, brada com “a morte na alma”; a nudez humana interpela-me – interpela o eu que sou – interpela-me por sua fraqueza, sem proteção e sem defesa, por sua nudez; mas interpela-me também por estranha autoridade, imperativa e desarmada (...)” (p. 282-283).

A que Carlos Alberta acrescenta:

(...) Então, fico aqui  
Poeta calado, Homem solitário, Criança sofrida  
Esperando que alguém estenda a mão e diga:  
Ei, levante! Erga a cabeça e siga em frente. Nem tudo  
está perdido (...) (Neves, 2006, p. 12).

## Referências

- Anced. (2004). *Relatório sobre a situação dos direitos da criança e do adolescente no Brasil apresentado para o Comitê de Direitos da Criança da ONU*. Retirado em 28/10/2006, de World Wide Web: [http://www.cecilia.org.br/direitos/Relatorio ANCED –Direitos das Crianças e Adolescentes- Brasil.pdf](http://www.cecilia.org.br/direitos/Relatorio%20ANCED%20Direitos%20das%20Crianças%20e%20Adolescentes%20Brasil.pdf)
- Assis, S. G. (1999). *Traçando caminhos em uma sociedade violenta: a vida de jovens infratores e de seus irmãos não-infratores*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ.
- Bastos, A. C. S. (2008). *A impossível transcrição (de tudo fica a poesia)*. Salvador: [s.n.].
- Lévinas, E. (1998). *Da existência ao existente* (P. A. Simon & L. M. C. Simon, Trad.). (Coleção Travessia do Século). Campinas, SP: Papirus. (Original publicado em 1947).
- Lévinas, E. (2004). *Entre nós: ensaios sobre a alteridade* (3ª ed.). (P. Pivatto e col., Trad.). Petrópolis, RJ: Vozes. (Original publicado em 1991).
- Neves, C. A. C. (2006). *Um novo horizonte*. Salvador: [s.n.].
- Njaine, K. & Minayo, M. C. S. (2002). Análise do discurso da imprensa sobre rebeliões de jovens infratores em regime de privação de liberdade. *Ciênc. Saúde Coletiva*, 7 (2), 285-297.
- Oliveira, M. B., Assis, S. G. (1999). Os adolescentes infratores do Rio de Janeiro e as instituições que os “ressocializam”: a perpetuação do descaso. *Cadernos de Saúde Pública*, 15 (4), 831-844.



Pais, J. M. (2006). Buscas de si: expressividades e identidades juvenis. Em I. M. Almeida & F. Eugenio (Orgs.). *Culturas jovens: novos mapas do afeto* (pp. 7-21). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Rey, F. L. G. (2006). Violência: gênese, manipulação e ocultamento social. Em M. J. Spink & P. Spink (Orgs.). *Práticas cotidianas e naturalização da desigualdade: uma semana de notícias nos jornais* (pp. 17-41). São Paulo: Cortez.

Silva, A. P. S. (1999). *O jovem em conflito com a lei na cidade de Ribeirão Preto (SP): 1986-1996*. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP.

Silva, A. P. S. (2003). *(Des)continuidades no envolvimento com o crime: construção de identidade narrativa de ex-infratores*. São Paulo: ABCCRIM.

### **Nota**

(1) Este artigo é parte da dissertação de Mestrado da primeira autora, orientada pela segunda autora, defendida em 2008, no Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador, Bahia, Brasil. Bolsa FAPESB.

### **Nota sobre as autoras**

*Roberta Arueira Chaves* é psicóloga, mestre pelo Programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador, cursando atualmente o 3o ano de Direito. Contato: robertaarueira@gmail.com

*Elaine Pedreira Rabinovich* é psicóloga clínica, com Doutorado em Psicologia Social (IPUSP), professora Programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador. Contato: elainepr@brasmil.com.br

**Data de recebimento: 30/12/2009**

**Data de aceite: 29/10/2010**